



AFETO EM DESTAQUE NAS DINÂMICAS CONJUGAIS: O RELATO DE MULHERES CASADAS COM MILITAR

SILVA, Ester Nunes Praça da
*Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação Família na Sociedade Contemporânea da
Universidade Católica do Salvador*
esterearru@yahoo.com.br

224

RESUMO

Este artigo se baseia em uma pesquisa qualitativa de Dissertação de mestrado sobre dinâmicas conjugais e individualidades frente às exigências da carreira da profissão de militar de mulheres casadas com militar que trabalham numa Organização militar em Salvador-Ba. Ao articular rotinas e afetos, duas dimensões inseparáveis do laço conjugal, pensamos poder entrar numa esfera importante para a compreensão propriamente das dinâmicas das conjugalidades, alcançando uma tipologia que abarcará tantos os achados das interações quanto os dados obtidos sobre as orientações afetivas. Procuramos unir interação e afetos, utilizando as tipologias construídas por Aboim (2006) para denominar a dinâmica interna dos casais estudados a partir da visão sobre o afeto. A análise dos diferentes perfis de orientação afetiva, dimensão que analisamos, revelou-se, afinal, fundamental para a compreensão das dinâmicas internas.

Palavras-chave: Dinâmicas conjugais. Mulheres. Afeto

ABSTRACT

This article is based on a qualitative dissertation research on marital dynamics and individualities front to the requirements of the military profession career of married women with working in a military Organization military in Salvador-Ba. To articulate routines and affections, two inseparable dimensions of conjugal bond, we think we can walk into an important sphere for understanding exactly the dynamics of conjugalidades, reaching a typology that will cover all the findings of interactions as the data obtained about affective orientations. We seek to join interaction and affection, using the typology constructed by Aboim (2006) to name the internal dynamics of the couples studied from the vision about the affection. The analysis of the different profiles of affective orientation dimension we analyze, proved, after all, essential to understanding the internal dynamics.

Key-words: Marital Dynamics. Women. Affection



1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as transformações que interpelaram e transformaram as regras e as formas de viver a família, especificamente na família conjugal, tornaram-se visíveis por cada um de nós no cotidiano das próprias vidas. Desse modo, é necessário ter em mente as mudanças que a instituição conheceu ao longo do século XX e na contemporaneidade.

Nesse sentido, há, na contemporaneidade, uma família conjugal relacional e individualista que não teria sido possível sem um processo de individualização, o qual, entretanto, acaba tornando-a campo mais fácil de tensões e rupturas, evidenciado pela tensão entre a fusão amorosa e a individualidade.

Com efeito, dela são exigidas mudanças estruturais nos seus fundamentos, sem que se neguem suas outras funções. Assim, alguns autores consideram ser essa tensão um dos aparentes “paradoxos” que progressivamente se impoem às conjugalidades contemporâneas, divididas entre um ideal de fusão afetiva e o investimento na individualidade.

Nesse sentido, fabrica-se “um imaginário composto do casal, habitado por dimensões aparentemente contraditórias, que resumem o que alguns chamam paradoxo conjugal contemporâneo”, ao aproximarem-se a busca pela autonomia, gratificações e realizações pessoais e a aspiração de intimidade e proximidade afetiva fusional na relação a dois (ABOIM, 2010, p.146).

Ademais, sabe-se que os aspectos afetivos conjugais e a produção e reprodução da vida cotidiana estão fincados na diferenciação sexual de papéis e no amor romântico. Inclusive, aquela forte dependência instrumental - demonstrada pelos relatos do cotidiano da vida das mulheres desta pesquisa - pode decorrer da existência do intenso discurso sentimental de romantismo excludente da ideia de autonomia individual, beneficiada ainda mais pelas margens da naturalização das diferenças de gênero - instituída na orientação normativa dos casais.

Vale ressaltar, ainda, que, embora institucional a dinâmica de conjugalidade de mulheres casadas com militar - observada entre os casais desta pesquisa -, este modelo está para além do tipo ideal de casamento instituição, por um lado, em razão da tônica que os afetos sinalizam na concepção do casal, numa espécie de amor institucionalizado, e, por outro, em virtude da incessante retórica da busca de identidade, ou, nos termos de Singly (2000, p.14), “do verdadeiro eu” presente na interioridade de cada um.



De fato, nenhuma das entrevistadas pareceu alheia a esta “invenção da intimidade romântica” e do “eu”, que se instaura nas sociedades atuais, mesmo diante das outras funções presentes na família e que são consideradas prioridades no cotidiano e no projeto de vida conjugal das mulheres entrevistadas.

Desse modo, a estratégia de apresentação dos resultados foi realizada de forma a evidenciar a relação de cumplicidade entre interação conjugal e orientações amorosas, em contextos de trabalho específicos. O sentimento amoroso é uma das marcas fundadoras que acompanham o movimento de modernização das sociedades ocidentais, fazendo-se presente na contemporaneidade.

2. O AFETO NUM LUGAR DE DESTAQUE

O debate sobre o amor, segundo Aboim (2006, p.44) ganha relevo central quando, por exemplo, Elias (1993) alude para o fato de uma construção entre o eu e o nós, formatada para além dos interesses do parentesco, demarcando o corte de relações familiares em prol da constituição de outros laços mais originais gerados por uma escolha ou interesse pessoal; ainda, quando Beck e Beck-Gernsheim (1995) debatem a inter-relação entre liberdade, igualdade e amor em vista da discussão sobre individualização.

Na atualidade, o casal encontrou legitimidade na escolha amorosa para se constituir e, ao longo da história, a construção do casamento, como relação de amor, adquire características de hegemonia na contemporaneidade. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar um debate sobre a dimensão afetiva nas dinâmicas conjugais, conhecendo as delimitações que os sentimentos imprimem às dinâmicas na construção das rotinas dos casais analisados neste estudo.

Para tanto, foi necessário conhecer o tipo de sentimento - discursivamente valorizado nas relações conjugais - e a trajetória afetiva - como modo de aferir possíveis mudanças ocorridas nos sentimentos ao longo dos anos conjugais, percorrendo a análise da história da trajetória afetiva-conjugal de seis mulheres casadas com militar.



Com efeito, estas mulheres se casaram, em média, com idades entre 21 e 28 anos, cujos casamentos se consolidaram subjacentes a um contexto sentimental, percorrendo etapas socialmente definidas, que aqui definimos como “pré-nupciais”, isto é, namoro e noivado.

Logo, é preciso notar que existem maneiras diversas de expressar e nominar o afeto nas relações, bem como nas formas de incorporação, isto por que os discursos sobre afeto se reatualizam de maneiras específicas e apelam à conjunção de vários processos sociais concomitantes, como a valorização da igualdade entre os gêneros, a realização e a liberdade pessoal – os quais constituem bons exemplos. No entanto, “o desejo de encontrar uma satisfação afetiva plena e até pouco realista faz parte dos ideários contemporâneos mais comuns” (SINGLY, 2000, p.20).

As histórias das mencionadas mulheres revelam que as trajetórias das relações conjugais são frutos de suas mais íntimas escolhas afetivas, caracterizando a importância dos sentimentos nas trajetórias e identidades. Com efeito, observamos que a principal motivação para o namoro se desdobrar em um casamento foi o afeto, a sentimentalização das relações, traduzido pelas informantes pelo verbo gostar ou apaixonar, ou seja, a conjugalidade justificada pelo acento tônico concedido ao afeto na constituição da relação.

Nessa medida, podemos refletir que tais fatos pressupõem uma valorização do indivíduo e de suas escolhas, concebendo um entendimento que resulte de uma aceção de modernização e mudanças operadas na vida familiar. Vejamos, abaixo, as vozes das mulheres quanto às histórias e à motivação para os relacionamentos com os maridos.

Uma amiga me chamou para uma festa, eu fui, aí tinha uma outra pessoa que estava indo lá para casa me encontrar, quando ele chegou eu falei, oh! Vou sair com minha amiga..., foi nesse dia que eu conheci ele... Era o destino mesmo, uma coisa assim..., Eu tinha que ser mulher dele e ele tinha que ser meu marido, meu homem, foi amor mesmo.

Mulher, dois filhos e 18 anos de casada.

Eu conheci ele na escola, eu achava ele bonitinho, aí a gente começou a namorar. Fomos dois adolescentes que se apaixonaram.

Mulher, dois filhos, 17 anos de casada.

Conforme verificamos, a causa do casamento foi, sem dúvida, o afeto, que, então, se revelou como amor, paixão ou gostar, três variações na forma de denominar o sentimento. Além do mais, para estas mulheres, a relação se tornou madura ao longo da vida conjugal, ao



viverem, no dia a dia, a cristalização da intimidade proporcionada pelo convívio que solidificou a confiança e segurança no companheiro e, sobretudo, sedimentou os sentimentos. Apesar disso, repita-se que todos os afetos referenciados pressupõem a existência do casal, sem os quais não haveria a vida a dois.

Todavia, buscamos investigar a estabilidade da natureza dos sentimentos durante os anos de convivência conjugal, comparando o tipo de afeto relatado no início conjugal até os dias atuais. Nossa pretensão, nesse ponto, foi extrair a percepção das mulheres sobre a trajetória progressiva e mutável que pode ensejar os afetos nas relações conjugais.

Nesse sentido, conseguimos, a partir dessa análise, enfatizar a importância concedida aos afetos para a permanência e existência conjugais, permitindo uma melhor compreensão das interações apreendidas nas análises anteriores. Nessa linha, afirmamos que os casos correspondem a um tipo de sentimento ideal que é romântico e *subjetivamente estático* frente aos anos de intimidade e relacionamento, isto é, há uma “ausência de percepção de mudança nos aspectos sentimentais da união” (ABOIM, 2006, p.188).

Ressaltamos que algumas das mulheres transmitiram uma ideia de mudança de comportamento, indicando que a forma de manifestar os sentimentos, ao longo dos anos da vida a dois, metamorfoseou-se e perdeu algumas expressões características da época de namoro, ou de quando ainda eram um casal sem filhos. Entretanto, avaliaram que a convivência conjugal proporcionou novas emoções, geradas pelo nascimento dos filhos e pela vida em família, que alimentam a chama do sentimento inicial.

Enfim, designaram que o sentimento permaneceu, essencialmente, inalterado, inclusive em face das divergências ou alterações dos projetos individuais e conjugais, ou mesmo diante dos conflitos proporcionados por dissabores decorrentes da convivência, mantendo-se, no presente, igual ao que era na época do início do namoro.

O caráter subjetivamente estático dos sentimentos pelo cônjuge foi, às vezes, descrito de modo “quase místico e pouco sexualizado” (ABOIM, 2006, p.188), ou seja, de forma mais religiosa, aproximadamente, prescindindo de desejo sexual. Nesse sentido, consignam as informantes:

A partir do momento que eu não gostar mais dele eu sou mulher o suficiente pra dizer a ele que eu não quero mais. Meu amor por ele | *Casei por amor. O que eu sinto por ele é uma coisa assim sem explicação..., é doação, companheirismo, cumplicidade... Coisa de*



nunca mudo, por isso estamos juntos até hoje.

Mulher, dois filhos, 12 anos de casada.

Deus. É amor mesmo desde sempre.

Mulher, dois filhos, 17 anos de casada.

Ademais, nas entrevistas sobre esse tema, descobrimos o peso dos afetos na vida conjugal, melhor, se estas mulheres procuram ou habitam um mundo conjugal valorizado, unicamente, pelos afetos entre os cônjuges. Certos valores institucionalistas, nos quadros normativos das mulheres em questão, podem, afinal, trazer para os seus projetos de conjugalidade um significado a mais, como o de assumir um papel específico, condicionado às relações de parentesco entre mãe e filho.

Numa leitura mais ampla sobre o interesse em permanecer casadas, observamos que o primado afetivo não é um elemento que surge isolado para justificar as conjugalidades, apresentado a dimensão parental um peso importante. Salientamos que, para as mulheres inquiridas, casar implica ter filhos; logo, o afeto está presente tanto na conjugalidade, como na parentalidade desenvolvida no casamento. Assim, a maternidade foi admitida pelas mulheres como uma experiência compensadora e extremamente gratificante, necessária à mulher e à vida conjugal.

Embora o afeto entre os cônjuges, inicialmente, justifique a relação, outras dimensões na vida em família confirmam o laço conjugal. O que é importante notar é que, no caso das entrevistadas, elas sustentam o sentimento ao cônjuge como o elemento motivador para o casamento, mas as permanências nas conjugalidades ganham maior relevo ao se conferir um estatuto - enquanto mulher mãe - ao exercício de suas atividades parentais.

Verificamos, assim, que o afeto justifica a conjugalidade, mas, sobretudo, o que assegura o casamento é a relação parental entre pais e filhos, que, aos olhos delas, é essencial aos filhos. Em destaque o afeto do tipo família ideal, foi o que percebemos como um dos motivos relevantes para manter o casamento, ou seja, uma das razões para que estas mulheres abram mão de seus mais íntimos desejos - nos quais, provavelmente, estão contidas as suas trajetórias profissionais - e passem a acompanhar e colaborar com seus maridos na carreira de militar.

Com a indagação sobre quais seriam, hoje, as dificuldades para uma separação, obtivemos respostas como estas:



Hoje, eu acho que hoje, o que pesaria é a minha filha.

Mulher 05, 33 anos, mãe de uma criança de 03
anos.

*Até, pensar no ponto de me separar
dele, só não pensei mais, por conta
das meninas.*

Mulher 06, 44 anos, mãe de dois
filhos.

No entanto, o que vemos diante dessas repostas é que a conjugalidade não é só um lugar de produção de afetos conjugais, nela se produzem também funções e recursos materiais. Construir um casal é também somar desejos, planos, condições materiais etc., elementos esses, que dão a densidade e textura que molda à vivência da relação afetiva.

A família, apesar de hoje se legitimar primordialmente pela natureza afetiva das relações, não perdeu, como apontam Kellerhals *et alli* (1982 e 2000), muitas das suas funções instrumentais de produção econômica, de educação, de apoio material. (ABOIM, 2006, p.169)

Em suma, concluímos, por uma parte, que as mulheres casadas com militar e com filhos pequenos não habitam, sequer desejam viver em uma conjugalidade que esteja, apenas, na esfera do ideário afetivo entre os cônjuges; dessa relação, elas adquirem outras recompensas que lhes permitem, conforme suas orientações normativas e valores sociais, escrever sua própria história de vida.

3. ASPECTOS AFETIVOS CONJUGAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA “RELACIONAL E INDIVIDUALISTA”

Outro dado é perceber que há uma inter-relação entre o afeto e as interações, conferindo inegável importância à sentimentalização na vida privada, porque o afeto, designado pelas mulheres como amor, gostar, paixão etc., é um valor socialmente transversal na legitimação da conjugalidade contemporânea, revelando contornos específicos aos casais desta pesquisa.

Portanto, percebemos que, nos casos analisados, existe uma *aliança de gênero romântica* a pressupor diferenças de deveres e direitos, mas, também, de identidades e projetos, as quais configuram papéis sociais bastante diferenciados e que, por isso mesmo, se completam



e desenvolvem o sentimento, argumento que sustenta a versão institucionalista do romantismo nesses casais e, até, justifica a natureza espiritual da união a dois.

Assim, aferimos que os aspectos afetivos conjugais e a produção e reprodução da vida cotidiana estão fincados na diferenciação sexual de papéis e no amor romântico. Inclusive aquela forte dependência instrumental, demonstrada pelos relatos do cotidiano da vida dessas mulheres, pode decorrer da existência do intenso discurso sentimental de romantismo excludente da ideia de autonomia individual, beneficiada ainda mais pelas margens da naturalização das diferenças de gênero - instituída na orientação normativa dos casais.

De fato, nenhuma das entrevistadas pareceu alheia a esta “invenção da intimidade romântica” e do “eu”, que se instaura nas sociedades atuais, mesmo diante das outras funções presentes na família e que são consideradas prioridades no cotidiano e no projeto de vida conjugal das mulheres entrevistadas.

Até mesmo os afetos que na atualidade justificam e elaboram os relacionamentos conjugais, quando denominados essenciais ao casamento e à família, para um conjunto cada vez mais significativo da população das sociedades ocidentais, não asseguram a eliminação da diversidade de lógicas em jogo na família e no casamento.

E, dessa forma, a família passa a ser desenhada na literatura contemporânea como uma instituição nomeadamente “relacional e individualista”, visto que, inversamente às aparências, na contemporaneidade, a conjugalidade permanece central nos projetos dos indivíduos, como sublinha Roussel (1986) ao contrariar a ideia de crise do casal.

Logo, ao propor que a família contemporânea é individualista e relacional, Singly (2000, p.15) afirma que, na sociedade contemporânea, exige-se do indivíduo a busca da sua autenticidade, mas que só pode ser construída através da relação com o outro, especificamente, o outro conjugal; ainda, percebemos que o autor encontra na busca individual de identidade a função central da família contemporânea, sendo esta, por sua vez, concebida pelos laços afetivos.

A perspectiva “relacional e individualista” de Singly, na análise da família contemporânea, passa pela compreensão do processo que ele chama de “individualização”, onde, segundo ele, diferencia-se do individualismo, uma vez que este último promulga a independência total e irrestrita dos sujeitos.



Para uma melhor compreensão desta abordagem, ver a produção de François de Singly, em particular, suas obras “Uns com os Outros – quando o individualismo cria laços” (2003), “O eu, o casal e a família” (2000), “Família e Individualização” (2000), “Livres Juntos” (2001), “Sociologia da Família Contemporânea” (2007).

Contudo, por várias razões, segundo Aboim (2006, p.50), essa perspectiva de família é considerada por alguns como possível, mas razoavelmente parcial. A primeira, de caráter conceitual, encontra-se na natureza dúplice das noções de autonomia ou de fusão na vida a dois. Os contextos sociais ou as fases da vida podem influenciar os significados dessas concepções possibilitando que variem, desaguando em uma pluralidade de motivações, projetos e formas de viver a conjugalidade e a família.

Os valores atribuídos por cada sujeito à individualidade autônoma ou às recompensas afetivas não são sempre os mesmos, visto que existem diversos modos de construir a fusão e a autonomia. Assim, as perspectivas afetivas, identitárias ou materiais, bem como as econômicas são vivenciadas e percebidas com maior ou menor intensidade por cada indivíduo. A segunda consiste em definir a conjugalidade além de um espaço de produção de afetos, passando, também, a ser ambiente fértil de recursos materiais e de trajetórias sociais.

Portanto, a família, atualmente, não prescinde do caráter utilitário, pois propicia a satisfação de necessidades econômicas e educacionais, embora seja definida considerando a sua inclinação afetiva, isto é, ao lado do apoio sentimental está o material.

Conforme Aboim (2006, p.50) “os afetos, dimensão hegemonicamente valorizada, é certo, convivem com outras dimensões, também elas capitais no fabrico do laço conjugal”. Por outro lado, ainda segundo Aboim (2006, p.50),

a fusão afetiva e a autonomia pessoal não dependem apenas de ideários afetivos ou da procura de si mesmo, mas igualmente de contingências e contextos sociais, em suma, de um campo de possibilidades em que intervêm múltiplos fatores.

Essa necessidade de suporte material reside no fato de que os sujeitos na conjugalidade nem sempre estão no mesmo nível de recursos, os quais abrangem o trabalho, as responsabilidades e o exercício de competências, subjazendo, como pano de fundo desse processo, as desigualdades de gênero, as competências e as contingências da produção da vida material.



Por fim, a gradativa separação entre as tarefas de produção e as de reprodução lançou novos desafios sobre família relativos à transformação da organização familiar – isto porque as primeiras passaram a ser desenvolvidas no espaço externo ao doméstico e as segundas, baseadas nos afetos familiares - face à individualização da sobrevivência natural, especialmente pela inserção das mulheres no mercado de trabalho e pelo aumento de prestações de caráter social destinadas aos indivíduos – educação, saúde, assistência social, previdência social.

Nessa medida, os estudos sobre desigualdade de classe e de gênero e rede social, ambos na conjugalidade (TORRES, 2004; BOTH, 1976), bem como pesquisas sobre família e Estado (seguridade social, sobrevivência econômica e educação) (SINGLY, 2007) têm demonstrado que as funções tradicionais da família estão longe da extinção.

4. CONCLUSÃO

De fato, a família não pode ser entendida apenas como um espaço no qual se produz afeto ou de constituição da identidade, nem, tampouco, resumida a um espaço em que homens e mulheres assumem papéis na divisão do trabalho, em que pese ocorra, com bastante frequência, a mútua ajuda conferida pelos seus membros no concernente à resolução de dificuldades, funcionando como entreaajuda, muitas vezes, indispensável na vida familiar.

Outra importante observação é a que relaciona o afeto às interações, conferindo inegável importância à sentimentalização na vida privada, porque o afeto, designado pelas mulheres como amor, gostar, paixão etc., é um valor socialmente transversal na legitimação da conjugalidade contemporânea, revelando contornos específicos aos casais desta pesquisa.

Portanto, percebemos que, nos casos analisados, existe uma *aliança de gênero romântica* a pressupor diferenças de deveres e direitos, mas, também, de identidades e projetos, as quais configuram papéis sociais bastante diferenciados e que, por isso mesmo, se completam e desenvolvem o sentimento, argumento que sustenta a versão institucionalista do romantismo nesses casais e, até, justifica a natureza espiritual da união a dois.

Diante de todo esse contexto, aferimos que os aspectos afetivos conjugais e a produção e reprodução da vida cotidiana estão fincados na diferenciação sexual de papéis e no



amor romântico. Inclusive aquela forte dependência instrumental, demonstrada pelos relatos do cotidiano da vida dessas mulheres, pode decorrer da existência do intenso discurso sentimental de romantismo excludente da ideia de autonomia individual, beneficiada ainda mais pelas margens da naturalização das diferenças de gênero - instituída na orientação normativa dos casais.

Foi por meio dos relatos femininos, de mulheres casadas com militar, que investigamos as orientações afetivas, demarcadas pelo sentimento discursivamente valorizado pelas mulheres, bem como pelo lugar que este ocupa na dinâmica conjugal. Aqui, apresentamos as delimitações que os sentimentos imprimem às dinâmicas internas na construção das rotinas do casal, uma vez que vivemos um “contexto histórico em que o amor se estabeleceu como principal elemento de legitimação da união conjugal” (ABOIM, 2006, p.169).

Nossa pesquisa se caracteriza por apresentar dados sobre o tipo de sentimento discursivamente valorizado e o caráter mutável dos afetos nos percursos conjugais, bem como a relação destes com outros componentes elaborados no interior das conjugalidades, a saber, a formação da família e criação dos filhos, e, a partir daí, o jogo entre o “eu” e o “nós” na vida do casal em face do discurso sobre afeto.

5 Referências Bibliográficas

ABOIM, Sofia. Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal. *In: Sociedades Contemporâneas: reflexividade e ação*. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 21 mai. 2010.

_____. *Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa: Editora ICS, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Editora: Roxo, 1998.

COSTA, Livia Fialho. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. *In: NASCIMENTO, A.D. e HETKOWSKI, T. (orgs.) Educação e Contemporaneidade – pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009, p.355-371.

DINIZ, G. O casamento contemporâneo em revista. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p.135-155.



_____. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Casal e família: entre a tradição e a transformação.* Rio de Janeiro: NAU, 1999, p.31-54.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *In: Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>.* Acesso em: 13 jul. 2010.

FONSECA, Cláudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *In: Cadernos Pagu* (v. 29), julho-dezembro de 2007. São Paulo: Cadernos Pagu, p.09-35.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.* Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

JABLONSKI, B. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas.* São Paulo: Ed. PUC-RIO e Loyola, 2003, p.141-168.

_____. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 203-225.

ROCHA-COUTINHO, M. L. De volta ao lar: as mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocessos ou “novo” modelo de família? *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Casal e família: permanências e rupturas.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p.219-235.

_____. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Família e casal: efeitos da contemporaneidade.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2005, p.122-137.

SILVA, Ester Nunes Praça da. *Mulher-esposa: Dinâmicas conjugais e individualidades a partir da experiência de mulheres casadas com militar.* Dissertação de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador-BA, 2012.

_____. Dinâmicas conjugais e individualidades: a experiência de mulheres casadas como militar. *In: CONINTER – I CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADE.* 03-06 de setembro de 2012. ANINTER, Niterói - RJ.

_____. Instituição militar e conjugalidade: uma reflexão à luz da teoria das instituições totais. *In: CONINTER – II CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADE.* 08-11 de outubro de 2013. ANINTER, Belo Horizonte - MG.